

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Tribuna de Roraima Class.: 686

Data: 15.04.88 Pg.: _____

Mais do que um erro grave, a Funai pode ter cometido um crime ao tomar de assalto a Missão Catrimani, um dos mais valiosos patrimônios morais, sociais e materiais que a Igreja construiu exclusivamente para benefício dos índios de Roraima. Por que a Fundação sequestrou todos os bens da missão, sem importar-se, até agora, em indenizar a Igreja ou devolver-lhe tudo e permitir que os religiosos voltem ao trabalho? Essa é uma pergunta que pode ficar sem resposta.

A verdade é que, para os responsáveis pela missão, padre Guilherme Damíoli e irmã Florença Amiguidade Lindey, está havendo maldade por parte da Funai ao dar informações incompletas sobre o que ocorreu naquele local. De acordo com os dois religiosos, a equipe da Missão Catrimani foi retirada de forma violenta e arbitrária pela Funai e por forças policiais e militares no dia 24 de agosto de 1987. Para fazer isso, os órgãos federais alegaram que a retirada era necessária até que fossem esclarecidos os fatos envolvendo o conflito entre garimpeiros e índios no Paapiú. Mas o que a Funai não explicou até agora é por que a Missão Catrimani foi escolhida para essa tomada de assalto, pois ela nada tem a ver com a briga, não está localizada em nenhuma região de conflito e as áreas de garimpo do rio Conto de Magalhães estão distantes da missão cerca de 170 quilômetros.

O padre Guilherme e a irmã Florença, que construíram a missão praticamente sozinhos, sem a ajuda de nenhum órgão oficial, lembram que sem nenhuma ordem judicial ou mesmo ordem escrita da Funai, o funcionário Eliton Lima, "assaltou" as instalações da missão, tomando o gerador, o hospital, a farmácia, a cozinha, a rádio-fonia e o escritório-arquivo, onde estava instalado o serviço de rádio. Todo o restante teve que ser lacrado pela irmã para que não sofresse depredações.

SAQUE

Para os dois religiosos, o que houve no Catrimani foi saque. Eles adiantam que os funcionários

e a própria administração da Funai nunca tentaram um acordo ou negociação amigável com relação à missão. Nunca solicitaram ou pediram. Simplesmente, ignorando as normas que devem reger a conduta de brancos frente aos índios, acabaram oferecendo um espetáculo violento para os yanomami que estavam no local, arrombando as instalações, tomando o que não lhes pertencia, praticando o que o padre e a freira classificam de "puro saque".

Guilherme e Florença explicaram ainda que todos os equipamentos, os meios de transporte, as casas, quartos, armários, malas e também pertences pessoais, inclusive da religião, foram tomados. Irmã Florença diz que se fizesse uma grande humilhação, ela que pertence a uma família antiga e bastante conhecida de Roraima, acusando a Funai de ter cometido, no Catrimani, atos de arbitrariedade e vandalismo.

O padre Guilherme garante que a equipe que chefiava nunca desafiou a lei, como foi noticiado. "A missão - explica Guilherme -, desde sua fundação pelos padres João Bruno Caleri e Bindo Meldolesi, em 1965, sempre trabalhou exclusivamente para o bem e o desenvolvimento harmônico dos yanomami da bacia do rio Catrimani". Ele lembra que a missão sempre colaborou de uma forma muito estrita e amigável com o pessoal da Funai, da CPRM, da Sicam e com inúmeros centros de pesquisa, fundações e universidades brasileiras. Emocionado, o padre Guilherme recorda que "a missão sempre foi muito aberta, apreciada e elogiada pela

sua atuação em favor dos índios, pela sua competência no trabalho e por sua organização".

Fruto do trabalho de pessoas abnegadas, que deram anos de sacrifício pessoal para sua construção, a Missão Catrimani enviava à Funai relatórios mensais, estudos, textos, cartilhas para alfabetização. Mantinha uma balsanário Repartimento, reformou quatro pontes e fazia a manutenção da BR-210 até o quilômetro 146. Além disso, quem conheceu as instalações da missão sempre elogiou a sua organização, que tinha pomares, hortas e pequenas criações que atendiam aos que lá trabalhavam e aos índios yanomami. "Até hoje eu via havia na missão", lembra o padre Guilherme, ressaltando que hoje tudo isso está destruído.

CRIME

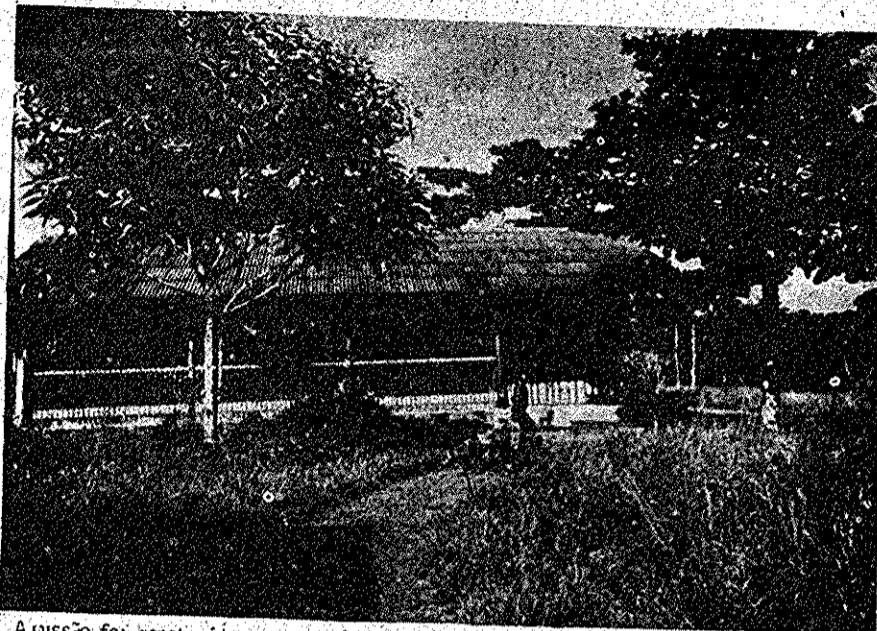
Lembrando também que a missão sempre preocupou-se em preparar os yanomami para sua aculturação, embora trabalhasse na manutenção dos seus costumes e patrimônio cultural, padre Guilherme e irmã Florença entendem que "quem usa bens alheios sem licença, quem abusa de seu poder, quem arromba portas, viola domicílios, arquivos, documentos e até correspondência particular sem a devida autorização, só pode ser classificado de criminoso, ladrão; saqueador. Merece reprovação e cadeia. A lei devia ser igual para todos".

Indignados com o procedimento do administrador da Funai em Roraima, Esmeraldino Silva Neves, que em ofício datado de 20 de agosto de 1987 declarou que a Funai estava apta a

preencher o vazio deixado pela Missão Catrimani, os dois religiosos dizem que infelizmente tinham razão quando previram a destruição de todo um trabalho que demorou anos para ser construído. E garantem que "a Funai não tinha naquela época, e tampouco agora, condição alguma para levar adiante qualquer trabalho em favor dos índios yanomami da bacia do Catrimani". Eles reprovaram também as afirmações do deputado Mozairildo Cavalcanti, que denunciou a existência de um grupo armado, que seria apoiado pela Igreja, para matar índios e criar um clima insuportável que obrigasse à saída de todos os garimpeiros. "O deputado não podia ter feito isso - diz padre Guilherme -, pois agora, se ocorrer qualquer problema desse tipo, a culpa será creditada à Igreja. É uma loucura pensar que ela estaria organizando grupo de matança de índios só para forçar a retirada dos garimpeiros".

Padre Guilherme acha que a situação nas áreas de garimpo está sem nenhum controle, pois tudo foi feito de forma insensata. "No meu entender, os garimpeiros deveriam sair para permitir a demarcação das áreas. Depois, voltariam a garimpar nos locais a eles destinados. Se continuar do jeito que está, a situação só vai piorar para todos nós, igreja, índios, garimpeiros e sociedade de um modo em geral", conclui o padre, lembrando, no entanto, que sua preocupação maior é salvar o que ainda resta daquilo que considera a maior obra de sua vida: a Missão Catrimani.

CATRIMANI, A VITIMA DE UM CRIME



A missão foi construída com suor e agora está correndo o risco de ser destruída.



Irmã Florença, muitos anos de trabalho com os índios e uma mágoa incontida contra a Funai.